

“Os rigores disciplinares na formação de um leader”: a educação masculina na escola superior de agricultura e veterinária

Adriano Toledo Paiva
Maria do Carmo Pires

Resumo: Este artigo analisa a educação masculina na Escola Superior de Agricultura e Veterinária — atual Universidade Federal de Viçosa — no início do século XX. Avaliaremos o cotidiano dos docentes e discentes, tendo como viés a disseminação de um perfil de masculinidade aliado à ciência que almejava a reforma da agricultura nacional.

Palavras-chave: Construção da Masculinidade. Educação Masculina. Educação Superior.

Abstract: This article analyzes the masculine education in the Escola Superior de Agricultura e Veterinária — currently Universidade Federal de Viçosa — in the 20s and 30s of the 20th century. We will evaluate the schedule of the professors and pupils as to aim the dissemination of a masculinity profile ally to the science that longed for the national agriculture reform.

Keywords: Construction of the Masculinity. Masculine Education. College Education.

Adriano Toledo Paiva. Mestrando em História na Universidade Federal de Minas Gerais – Bolsista do CNPq.

Maria do Carmo Pires. Doutora em História na Universidade Federal de Minas Gerais – Professora adjunta da Universidade Federal de Viçosa (DAH – UFV).

“Os rigores disciplinares na formação de um leader”:
a educação masculina na escola superior de agricultura e veterinária

*Os teus filhos serão teus missionários,
Que irão levar pelos sertões lendários
Teus novos evangelhos
E há de ver, arrostando mil fadários
Os moços sonhadores e visionários, a doutrinar os velhos.*¹

(Poema ESAV – Edgar de Vasconcellos e Barros)

¹ A ESAV constitui atualmente a instituição de ensino Universidade Federal de Viçosa. Poema ESAV de autoria de Edgar de Vasconcellos e Barros, contido no Catálogo de Formandos da ESAV – 1939. Neste ano, a ESAV promoveu a publicação do mencionado livro em substituição aos tradicionais quadros de formatura que figuram nos corredores do atual Edifício Arthur da Silva Bernardes da UFV. Uma das justificativas empregadas para o fabrico deste manual com informações sobre as turmas de formandos constituía-se na divulgação dos trabalhos realizados na instituição. (O referido livro desta formatura não possui referência à paginação.) Arquivo Histórico da Universidade Federal de Viçosa (UFV). *Catálogo de Formandos da ESAV – 1939*.

Educação, ciência e disciplina: o ímpeto reformador da agricultura nacional

A implantação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV), na década de vinte do novecentos, representa o ideal do imaginário de técnicos agrícolas e governantes para a implementação de um modelo de exploração agrícola designado como “racional”. Este protótipo possuía como principal fundamento a introdução de maquinários na agricultura, educação rural e valorização do agrônomo, veterinário e técnicos agrícolas como elementos responsáveis pela difusão de tecnologias que visavam o melhoramento do *modus vivendi* do homem do campo; bem como de suas espécies animais e vegetais. Os “técnicos em assuntos agropecuários” tornar-se-iam os promotores da civilização, embebidos e aliados a um espírito científico.

A implantação da ESAV seguiu os modelos dos *Land Grant Colleges* norte-americanos. O ensino e as práticas agrícolas nortear-se-iam pela experimentação; os conhecimentos científicos seriam considerados guias para a resolução dos problemas da agricultura brasileira, proporcionando um aumento de sua qualidade e produtividade. Os alunos da ESAV, conforme observamos no Livro da Formatura de 1939, possuíam “uma jornada exaustiva de quinze a dezoito horas de trabalho honrado e recreio merecido adestrando o cérebro e músculos para a luta pela vida, que será também a luta pelo Brasil”.² Esta carga horária diária de atividades incluía o trabalho no campo destinado aos experi-

² *Ibidem*.

mentos, aulas teóricas e práticas, refeições, estudos para as atividades escolares, práticas esportivas, exercícios e instrução militar. Todavia, o cotidiano dos jovens no interior da Escola era extremamente regulado e planejado, ou seja, suas ações e seus movimentos foram distribuídos em espaços e tempos reguladores e regulados.³ As diligências e os regimentos da Escola induziam os alunos a realizarem atividades produtivas durante o seu cotidiano. O regulamento da Instituição deveria ser conhecido por todo o seu corpo social, pois para o corpo técnico, docente e administrativo, o conhecimento das normas e sua prática permitiriam, conforme observamos na documentação consultada, a “realização plena dos objetivos da Escola”, que era “reformar a agropecuária nacional”. A fim de gerenciar de modo eficaz estas reestruturações produtivas, a Diretoria da ESAV controlava o seu cotidiano, observando atitudes indisciplinadas do seu corpo social e aplicando punições. Dentre as principais infrações combatidas destacamos: as “colas” em exames, ausências às aulas, conflitos e discussões entre os alunos, desentendimentos entre educadores e discentes. Em suma, a administração escolar combatia as irregularidades que pudessem interromper suas atividades de ensino e a realização dos trabalhos experimentais.

No Livro de formandos de 1939, A. Secundino São José escreveu um texto que resgatava aspectos do cotidiano estudantil na ESAV, que nos reporta a uma das travessuras, realizada no seu período discente.

Mais de um no chuveiro era ainda considerado ofensa à moral. Certa ocasião, estávamos cinco em um chuveiro ao mesmo tempo. Cinco rapazes em um quarto de banho não são em absoluto, a imagem do silêncio e da calma. Nisso um sexto bate à porta. — Não há mais lugar. Dizemos nós. Novas batidas, mais fortes, mais enérgicas. — Abre a porta e vamos dar um susto nesse... Disse um de nós, enchendo as mãos de água fria e se escondendo atrás da porta. Abriu-se a porta e... era o Senhor Diretor! Ainda bailam nos

³ No almanaque de Formandos de 1939, podemos observar a descrição de um dia de atividades no estabelecimento de ensino: Às seis horas da manhã era servido o desjejum, meia hora depois de soar o sino dos operários da Escola fechava-se o refeitório. As aulas teóricas tinham início às sete horas e possuíam duração de cinqüenta minutos. Cada turma possuía por semana duas ou três aulas práticas durante o período da manhã. As atividades eram realizadas até às onze horas, exceto nos dias de Reunião Geral. Neste momento que antecede e sucede o almoço, os discentes descansavam e conversavam nos gramados, jogavam xadrez, ouviam rádio ou realizavam leituras nos centros acadêmicos, praticavam caminhadas ou regressavam ao apartamento. Das treze horas as dezesesseis começavam as aulas práticas; neste período, as aulas teóricas são raras, pois as classes possuíam atividades de campo e laboratórios. No final das atividades experimentais até as dezessete horas e trinta minutos, hora do jantar, os estudantes dedicavam-se a práticas esportistas. Após a refeição, os alunos retomavam suas atividades de estudo, dirigindo-se a seus quartos às vinte horas, tomando um lanche noturno e preparando-se para dormir.

“Os rigores disciplinares na formação de um leader”:
a educação masculina na escola superior de agricultura e veterinária

⁴ Arquivo Histórico da UFV. *Catálogo de Formandos de 1939.*

*meus ouvidos as palavras dos maiores ‘sabões’ que jamais ouvi em toda a minha vida.*⁴

A vida estudantil nos internatos, campos de experiências e salas de aula era atentamente observada pelo corpo docente, servidores e chefes de disciplina, que encaminhavam seus relatórios e observações para a Diretoria da Escola. A inspeção normativa fora realizada pelo Conselho de Disciplina. Dentre os membros deste conselho, que atuavam na vistoria do cotidiano discente e na aplicação das normas de boa conduta, destacamos os “Chefes de Seção” do alojamento e o professor, nomeado pelo Diretor Bello Lisboa para gerenciar este “instrumento normativo”. A colaboração dos moradores do internato no Corpo Consultivo Disciplinar tornava-se essencial para a manutenção da “ordem” no dia-a-dia escolar. No final de cada dia, o chefe de cada seção do internato percorria os apartamentos para verificar se algum aluno se ausentava e lavrava o seu relatório ao Conselho. Outra atribuição dada aos alunos, pelo Conselho de Disciplina, para vistoria do cotidiano escolar foi a instituição da função “Chefe Geral”. Este discente era escolhido para representar a Direção Escolar perante aos demais estudantes. Os internos saudavam com palmas o Chefe Geral para peticionar a dilatação do horário regulamentar de saída para a cidade, pois este expirava às vinte horas; a exceção a esta regra era os feriados e finais de semana. Contudo, os representantes discentes receberiam insultos nas refeições caso denunciasses irregularidades ou infrações cometidas pelos estudantes.⁵ Cada turma discente da Escola possuía o seu *leader*, que representava os interesses de sua classe perante aos órgãos administrativos da instituição.

⁵ *Ibidem.*

A Diretoria semanalmente convocava os servidores para uma reunião, de duração de vinte a trinta minutos, para esclarecer aspectos do regimento escolar e questões administrativas da instituição, além de pro-

ferir aconselhamentos acerca da boa higiene, alfabetização e moral dos funcionários. Destarte, o corpo docente e de servidores deveriam representar arquétipos ideais para serem reproduzidos pelos alunos, já que no regime de internato ocupavam a posição de pais destes. A direção promovia preleções e inspeções que visavam o florescimento da “boa moral”, inculcando valores de polimento aos alunos, através de um delineado sistema de valores, ordens e rigorosas vigilâncias. Em uma preleção do ano de 1930, Bello Lisboa elucida as causas da indisciplina na ESAV, ou seja, as recorrentes brigas nos dormitórios e nas práticas esportivas. Segundo o Diretor da ESAV, os motivos das desavenças entre os discentes decorreriam da “educação fraca”, do “excesso de intimidade”, das “intrigas”, “ciúmes”, “inveja”, “intromissão em questões alheias”, “negócios mal feitos”, “divisas mal estabelecidas” e as “aguadas” promovidas pelos alunos. No documento observamos o pedido do Diretor da Escola para que se realizassem duzentas cópias mimeografadas dos tópicos da preleção, a fim de distribuí-las entre o corpo de funcionários e estudantes.⁶

As “aguadas”, comumente chamadas pelos discentes de “hidroterapia”, constituíam-se na imersão do calouro sob as torneiras localizadas defronte ao dormitório. Nenhum novato poderia esquivar-se das águas que “civilizavam calouros”, dos pomposos colarinhos de cartolina ajustados a gravatas de “cores espalhafatosas” e da profissão de um discurso no salão das refeições. A presença do chefe de disciplina não era capaz de conter os alunos no restaurante quando se quebrava algum utensílio ou nas saudações aos aniversariantes.⁷ Tais atitudes discentes conforme nos relatou A. Secundino São José, no álbum dos formados, ao comentar o episódio do “banho coletivo”, citado anteriormente, promoviam inúmeras reuniões gerais dos docentes. Segundo o aluno, os “setes professores dos primeiros tempos clamavam sempre em altos brados, contra a crise das mais apertadas por que

⁶ Arquivo Histórico da UFV. Fundo: ESAV. Caixa: 35. Documento: 3185.

⁷ Arquivo Histórico da UFV. Catálogo de Formandos da ESAV – 1939.

⁸ *Ibidem.*

já passou a nossa ESAV”.⁸

Indisciplina, coerção, punições e vivências no sistema de internato

Nas assembléias dos mestres discutiam-se aspectos do dia-a-dia do educador; como as atividades de ensino e os resultados de seus investimentos na prática pedagógica. A Diretoria da Escola e os docentes formaram um corpo consultivo para deliberar sobre assuntos do cotidiano escolar, denominado “Congregação”. Através da leitura das atas deste órgão administrativo, podemos evidenciar que todo o corpo docente era integrante das reuniões, porém somente os que eram convidados a integrar este Conselho e os chefes de Departamentos possuíam poder de voto nas ações e discussões. Tais assembléias docentes traçavam norteamentos para as práticas educativas cotidianas, especialmente no tocante à sala de aula. Os congregados discutiam as vantagens de suscitar nos alunos a admiração pelo ensino, transmitindo-lhes, no decorrer das lições, incentivos ao desenvolvimento do espírito de trabalho, “colocando fim à falta de interesse”, conferindo “maior aperto aos estudos” e incentivos à prática da repetição para apreensão dos conteúdos. Nestas reuniões esclareciam-se pontos obscuros do regimento, estipulavam-se datas e métodos para a elaboração dos exames, organização das provas escritas, estrutura do sistema de sabatinas. Nas atas discutem-se as maneiras de se instruir no “sistema de regras”, regimento interno, os educandos; arrolavam-se nomes de alunos que infringiam as normas e decidiam os seus destinos. As reuniões da associação explicitavam e devassavam os casos dos alunos que desrespeitassem os Estatutos da Escola; ouviam-se os pronunciamentos dos professores acerca da vida estudantil destes jovens e procediam-se votações das propostas de resolução dos casos de infração explicitados. Estudaremos alguns casos de punição dos

educandos por não observância de preceitos e normas da Instituição.

O professor Mennicucci perguntou ao educando Infante se tinha conhecimento de uma poesia feita ao aluno Jardim, que estivesse relacionada ao “trote”. O aluno respondeu ao docente que “havia indicado aos seus colegas a destruição do poema”, mas estes a declamaram a João Teixeira Duarte “por gracejo”. A Congregação concluiu que “o fato não teve caráter coletivo”; era expressão de “uma explosão momentânea”, “não houve por parte dos alunos o intuito de rebaixar a Escola e estes reconheceram o erro cometido”.⁹ A Congregação, em uma de suas reuniões de 1929, discutiu o “caso de fraude” do aluno Geraldo Soares Brandão. O discente argüido na diretoria confessou o seu delito, utilização de cola na prova de matemática. O referido aluno argumentou que estava mal preparado para o teste, porque “o professor não o ensinava”, sendo suspenso por sete dias.¹⁰ Deliberou que os alunos Altair Lopes Resende e José Silvério Barbosa, seriam suspensos por seis dias úteis, o primeiro por ter colado na avaliação de Física e o segundo por ter fornecido a cola.¹¹ Inúmeros são os casos de “cópias clandestinas” nos exames escritos discutidos pela Congregação, assim como as condenações às brincadeiras realizadas pelos veteranos aos novatos.

Os alunos Horácio Mattos e Geraldo Vidigal cometeram atos de indisciplina. O primeiro escreveu em um caixote de frutas “despachado para o Exmo. Sr. Presidente do Estado” e o segundo invadiu o pomar do Professor Rolfs. Ao discente Mattos aplicou-se admoestação e ao Vidigal, oito dias de suspensão.¹² O aluno Mario Pereira de Mello no “jardim público” dera dois beijos em seu colega Sebastião de Souza Lamir, que tentou repelir os ósculos. Mello convidou Lamir para brigar na avenida da Escola. Como punição a estas atitudes indisciplinadas, o aluno Mello foi afastado da instituição no corrente semestre.¹³ O aluno Rolla Perdigão foi chamado à Diretoria por manter em sua

⁹ Arquivo Histórico da UFV. Atas da Congregação. Escola Superior de Agricultura e Veterinária – ESAV. Viçosa, MG. Livro 1, Reunião 63, p. 60.

¹⁰ *Ibidem*, Reunião 29, p. 7-7v. Na reunião número trinta e oito discutiu-se os rumos de alunos que não voltaram ao estabelecimento de ensino. Reunião 38, p.16.

¹¹ *Ibidem*, Reunião 78, p.83v.

¹² *Ibidem*, Reunião 35, p.13v-14.

¹³ *Ibidem*, Reunião 39, p.19.

“Os rigores disciplinares na formação de um leader”:
a educação masculina na escola superior de agricultura e veterinária

14 *Ibidem*, Reunião 40, p.40.

15 *Ibidem*, Reunião 32, p. 9v.

16 Ver documentos relativos aos inquéritos no Arquivo Histórico da UFV. Fundo: ESAV, Caixa 20.

17 *Ibidem*, Reunião 63, p. 59.

18 *Ibidem*, Reunião 83, p. 91v-92.

posse o material escolar de um colega. O “infrator” confessou “ter feito mal conservando o objeto em seu poder”. A Diretoria exigiu que não cometesse tais atos, pois seria expulso da Escola.¹⁴ João Teixeira da Silveira infringiu o regimento interno, por ter se retirado do estabelecimento por dois dias sem a aprovação do Diretor, sendo punido com uma suspensão de seis dias.¹⁵ Na aplicação e decisão dos mecanismos punitivos procediam-se com um rigoroso processo de averiguação das infrações discentes, realizado pela Diretoria e pelos professores responsáveis pelos desdobramentos do inquérito. No desenrolar deste “processo”, os “infratores” eram inquiridos pelos professores na diretoria; o caso era “ventilado” através da coleta de depoimentos de outros alunos que estivessem envolvidos no acontecido ou que o testemunhassem.¹⁶

Na Congregação se discutia que os mestres não poderiam expulsar os alunos das aulas, “pois o professor deveria se impor em suas classes”. Nesse sentido, os atritos entre professores e alunos deveriam ser evitados, e a ordem garantida “por meio da força moral”.¹⁷ Os docentes procurariam estimular os educandos ao trabalho, utilizando sua persona e atribuições para cunhar um exemplo a ser seguido pela Escola. Um exemplo da utilização do arquétipo docente para estruturação dos alunos fora empregado pelo Presidente da Congregação, ao expor o caso dos alunos Paulo Aguiar e Miguel Pardi, que “praticaram imoralidade” nas proximidades da Escola. Bello Lisboa manifestou a importância do “saneamento de nosso meio” e que os alunos não poderiam incorrer nesta atitude, pois os docentes possuíam “firmeza em seu proceder”, constituindo-se exemplos que deveriam seguir.¹⁸ Os congregados recebiam ordens do Diretor, Bello Lisboa, para que atraíssem os interesses dos alunos para as aulas práticas, além da promoção de visitas destes as casas dos professores. As ações políticas e administrativas disciplinares da ESAV visavam à pro-

moção de uma maior sociabilidade entre o corpo de estudantes e seus mestres. Para o Corpo Consultivo, o enlace de solidariedades, relações de afinidades e afeições entre docentes, discentes e jornalheiros promoveriam a consolidação do ideal do Estabelecimento que seria a “unificação do trabalho e prestígio dos Departamentos”.¹⁹ Os estudantes à semelhança docente deveriam tornar-se *leaders*.

Os alunos do terceiro ano do curso Superior — turma S6 — foram advertidos no dia 31 de agosto de 1932, às oito horas, pelo Professor catedrático de Horticultura e Pomicultura, Dr. Humberto Bruno, para realizarem a prova mensal da disciplina naquele momento. O líder da classe argumentou que não poderiam fazer a avaliação, porque não se prepararam. O professor explicitou que deveria ter entregado os resultados da avaliação à Secretaria no dia 29, portanto, aplicaria o teste. A realização dos trabalhos no mês de agosto e setembro foi anormal, devido o consórcio de Arthur Bernardes ao movimento Constitucionalista de São Paulo, e decorrente instituição de uma base militar de apoio paulista e refúgio do antigo presidente na região. A cidade por diversas vezes fora invadida por tropas da polícia militar do Estado de Minas Gerais.²⁰ Tais motivos não permitiram o funcionamento das atividades da Escola, o professor poderia incorrer no artigo quarenta e seis do estatuto, aplicando as provas mais tarde que o de costume.²¹ Os alunos consideraram que o professor possuía quatro horas após sua chegada de uma viagem oficial de Belo Horizonte, para avisá-los da prova, mas não as aproveitou. O professor Bruno havia entrado em consenso e marcado os testes mensais em outros horários para os demais cursos e mantivera a avaliação da turma S6.²² Para os estudantes, o atraso da entrega dos resultados dos exames à direção não poderia condicionar a realização de um teste, pois fizeram inúmeras provas fora do prazo estabelecido para entrega dos resultados. Embasados no Regimento da Escola, os alunos explicitaram ao pro-

¹⁹ *Ibidem*, Reunião 48, p. 34, 39.

²⁰ Ver as discussões sobre o possível prosseguimento dos trabalhos de pesquisa na ESAV e medidas de segurança tomadas devido aos acontecimentos de 1932 na região em: Atas da Congregação. Escola Superior de Agricultura e Veterinária – ESAV. Arquivo Histórico da UFV. Viçosa, MG. Livro 2, Reunião 87.

²¹ Ver Regimento da Escola Superior de Agricultura e Veterinária depositado no Arquivo e Histórico da UFV – Fundo ESAV.

²² Atas da Congregação. Escola Superior de Agricultura e Veterinária – ESAV. Arquivo Histórico da UFV. Viçosa, MG. Livro 2, Reunião 89, p.6-6v, 7v.

²³ O artigo 45 do regulamento elucida que cada disciplina deveria aplicar provas escritas mensais, sendo praxe os professores marcarem antecipadamente as provas, e as sábadas não poderiam durar mais que vinte minutos, podendo ser aplicadas sem aviso prévio, não excedendo o número de quatro em um mês. Regimento da Escola Superior de Agricultura e Veterinária depositado no Arquivo Histórico da UFV – Fundo ESAV.

²⁴ Atas da Congregação. Escola Superior de Agricultura e Veterinária – ESAV. Arquivo Histórico da UFV. Viçosa, MG. Livro 2, p. 7v -8.

²⁵ *Ibidem*, Reunião 90, p.9-10.

²⁶ *Ibidem*, Reunião 90, p.10-10v.

essor que não poderiam realizar um exame sem aviso prévio.²³ Segundo os educandos, o docente demonstrou desconhecer o regulamento, quando pediu para consultá-lo. Os discentes peticionaram ao docente um novo horário para realizarem o teste, mas este preferiu aplicá-lo após seu retorno da Diretoria. Os estudantes argumentaram que o “ambiente tornou-se carregado”, e “esgotando-se todos os seus recursos”, entregaram a avaliação assinadas em branco como sinal de protesto.

O *leader* do S6 explicitou ao Diretor que a assinatura na prova em branco fora “um ato mais cavalheiresco que o abandono da sala”, e que os estudantes através deste sinal de protesto pediam a anulação da avaliação. Nos debates sobre estas discussões, os membros da associação oscilaram entre duas perspectivas: validar a prova, pois fora datada e assinada pelos discentes, ou facultar uma nova avaliação, de acordo com os argumentos professados no Regimento e nas reuniões da Congregação. Submetida as propostas do recurso dos estudantes do S6 à votação, dez docentes se manifestaram pela sua rejeição e sete a favor da aceitação da petição.²⁴

O Presidente da Congregação apresentou aos seus membros um requerimento dos alunos do S6, no qual comunicavam seu afastamento da Escola. Na exposição desta petição, o professor argumentou que a Diretoria não poderia tolher a liberdade dos alunos no tocante ao seu afastamento da instituição, apesar de “não reconhecer o motivo que justificasse tal ato”.²⁵ Na perspectiva docente, os alunos do S6 agiram de maneira precipitada e deveriam dirigir-se à Junta Administrativa para a resolução de suas contendas, colocando fim à nota zero, conforme lhes assegurava o regulamento em vigor na ESAV.²⁶

Os demais alunos da Escola foram solícitos às petições e protestos dos discentes do S6 e encaminharam um ofício à Diretoria, assinado pelos *leaders* de turmas da Escola, a fim de que fosse concedida nova

avaliação aos alunos do terceiro ano.²⁷ Para a Congregação, os discentes configuraram um “movimento coletivo”, que estaria intrinsecamente ligado ao caso da turma S6.²⁸ Os estudantes interromperam as atividades escolares e exigiam a resolução de suas pejeas.

No mês de outubro e novembro de 1932, os congregados discutiam as especificidades dos “movimentos coletivos”, que expressavam o “grau fraco da educação na Escola e imprimia a necessidade de torná-la forte”. Deste modo, instalou-se uma campanha em prol do melhoramento da disciplina no ambiente escolar. Para o bom exercício do professorado e restabelecimento da ordem nas atividades do estabelecimento de ensino, os docentes resolveram afastar “os maus elementos do corpo discente”, com o intuito de “salvaguardar o bom nome, a integridade e segurança da Instituição”.²⁹

Nas reuniões dos congregados, as propostas docentes incidiam no arquivamento do inquérito — sem que os alunos tivessem conhecimento deste ato — e na estruturação de um aparato preventivo para os “movimentos coletivos”. A Congregação despachou uma notificação para que todos os alunos comparecessem às aulas, a partir do dia 21 de outubro, dentro do horário oficial. Seguiram-se as reuniões nos derradeiros meses do ano de 1932, e discutiam-se as medidas para sanar as faltas dos alunos e estabelecimento de datas para as provas que não foram realizadas no mês de outubro, além de se instalar comissão que elucidasse os envolvidos nas lideranças dos movimentos.³⁰ Os alunos permaneceram insatisfeitos com as decisões dos docentes e encaminharam o recurso que o Curso Superior Seis encaminhou à Diretoria, para publicação em um jornal local. Os episódios indisciplinados tornaram-se conhecidos pelas comunidades da região, e os docentes do estabelecimento de ensino consideraram a publicação do manifesto dos discentes “um caso de indisciplinada e indelicadeza” para com a Instituição. Os alunos foram considerados insubordinados, pois

²⁷ *Ibidem*, Reunião 91, p.12-13.

²⁸ Estas manifestações discentes merecem um estudo de caso mais apurado, bem como a contraposição de outros documentos para elucidar as representações e discursos envolvidos nos acontecimentos do ano de 1932. Contudo, o formato e a problemática deste texto não cumprirão este objetivo.

²⁹ Atas da Congregação. Escola Superior de Agricultura e Veterinária – ESAV. Arquivo Histórico da UFV. Viçosa, MG. Livro 2, Reunião 99, p. 55v, 56, 59. Reunião 100, p. 64v.

³⁰ *Ibidem*, Reunião 93 p.32v.

³¹ *Ibidem*, Reunião 95, p. 38. Reunião 96, p.40-41v.

empregaram terminologias inconvenientes para o tratamento com os docentes e com a figuração destes atos em um jornal local “desconsideraram a Congregação e seu sigilo”.³¹

Os professores constituíam modelos de condutas para os estudantes e expressão clara de como deveriam se relacionar com a autoridade, portanto, ajudando-os a desenvolver o espírito de liderança nas comunidades que atuariam para “reformular as técnicas agropecuárias”. A padronização das ações educativas e de pesquisa, portar-se e agir consoante a um preciso conjunto de regras, eram instrumentos utilizados para moldar o caráter dos jovens estudantes, cunhando os *Leaders*. Segundo Michel Foucault, os métodos da disciplina permitem um eficaz e detalhado controle das operações do corpo, transformando-o em uma criatura aparentemente pacífica. Entretanto, este corpo violado e oprimido também oprime, através da rebeldia. As ações discentes indisciplinadas, reprimidas pela Escola, são por vezes respostas ao rígido controle institucional, que com seu aparato de regras e normas a respeitar, almejava os transformar em “corpos dóceis”.³²

³² FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 126.

Os alunos para tornar-se *leaders* deveriam seguir numerosas obrigações contidas no regimento interno moldando suas atitudes e percepções. Esta obediência ao regulamento instituíu para além de um sistema de autodisciplina, uma estratégia de controle exercido entre os estudantes. O poder disciplinar, conforme Foucault, funciona e se exerce em rede, no qual em suas malhas os indivíduos não circulam simplesmente, mas exercem também ação de transmissores. Portanto, os discursos normativos da Escola modelam e configuram corpos e indivíduos ideais, aos moldes dos mecanismos disciplinares da Instituição e de valores morais e sociais da sociedade. Este protótipo através de punições, vigilâncias, obrigações distribuídas em tempo regulado objetivava a cunhagem de um corpo social coeso. Desta maneira, a repressão e repressão

proporcionam um adestramento para a utilização do indivíduo ao mesmo tempo como objeto e como instrumento de seu exercício, recebendo reciprocamente influência também do corpo oprimido.³³

As práticas de ensino e de extensão na ESAV objetivavam a “reabilitação de homens indolentes” e através da ciência agrônômica e médica auxiliariam os fazendeiros a controlarem a mão-de-obra nas suas propriedades. A formação de *leaders* reflete um novo panorama da paisagem rural brasileira, na qual a intolância patronal mesclou-se e encobriu-se por relações paternalistas dos fazendeiros e empregados, que se enviesaram pelas políticas públicas de saneamento rural. A educação nas primeiras décadas do novecentos estava conjugada a um discurso médico eugenista, que visava imprimir bons hábitos para corrigir “distúrbios e patologias herdadas”. Todavia, as práticas pedagógicas seriam instrumentos modeladores e restauradores das bagagens hereditárias dos jovens. Os médicos e educadores insistiam que as crianças possuíam organismos plásticos, receptivos, no qual o meio que as cerca exerceriam grande influência ao seu aprimoramento físico, moral e intelectual.³⁴ Deste modo, preocupava-se como o meio no qual o educando se inseria, através do gerenciamento da Escola e de seus espaços de solidariedades, da estruturação e instrução familiar, pois as influências destes meios poderiam ser salutares ou perniciosas.

Segundo o ex-aluno A. Secundino São José, as crises dos valores morais considerados ideais para a Instituição e para a formação ética dos alunos, atos indisciplinados que desrespeitassem ao regulamento escolar, eram assuntos para preleções.³⁵ A fiscalização, as normas, a perfeita disciplina professada em conferências e a vigilância no cotidiano discente, contribuíam para a consolidação de um sistema de auto-controle individual, portanto, adaptando o estudante aos princípios determinados pela instituição de Ensino.³⁶ Segundo Arabela Campos Oliven, no modelo dos *colleges*

³³ FOUCAULT, Michel. *Op. cit.*, p. 153.

³⁴ STEPHANOU, Maria. “Qualis pater, talis filius? Educação, cognição e saberes médicos nas primeiras décadas do século XX”. In: VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho (Org.). *Educação e História da Cultura: fronteira*. São Paulo: Mackenzie, 2002.

³⁵ Arquivo Histórico da UFV. Livro de Formandos de 1939.

³⁶ No relatório de construção da ESAV, lavrado por Bello Lisboa, observamos o rígido controle disciplinar que era aplicado aos jornalheiros, calcado na vigilância de seu cotidiano e na realização de preleções. Os funcionários eram subdivididos em grupos e dirigidos por um encarregado, responsável pela vistoria de seus trabalhos e procedimentos pessoais. Nos sábados, realizava-se o pagamento dos operários; reuniam-se todos os encarregados das turmas e o Engenheiro Chefe realizava conferências sobre a execução dos trabalhos e “preleções sobre a educação, melhoramento físico, moral e mental de todos os trabalhadores”. BORGES, José Marcondes e SABIONI, Gustavo Soares (Org.). *Relatório de Construção da ESAV (1929)*. Elaborado pelo Engenheiro João Carlos Bello Lisboa. Viçosa: UFV, 2004.

³⁷ OLIVEN, Arabela Campos. A Marca de Origem: Comparando *colleges* norte-americanos e faculdades brasileiras. *Revista Cadernos de Pesquisa*, v. 32, n. 125, p. 115-117.

americanos, os eventos artísticos, culturais e esportivos eram utilizados para moldar o espírito estudantil e proporcionar um convívio mais íntimo entre os membros integrantes da instituição.³⁷ Neste sentido, as palestras promovidas pelos professores do estabelecimento de ensino constituíram importantes elementos para moldar os corpos e consciências de seus alunos.

As realizações de palestras semanais, as atividades em aulas teóricas e práticas, os exercícios físicos e esportivos, visavam um aprimoramento físico e moral dos estudantes. Desta maneira, imprimir tendências, gostos, inclinações, noções de higiene e limpeza proporcionariam na visão dos educadores um bom desempenho e pleno desenvolvimento intelectual dos discentes. Nos discursos do corpo técnico-administrativo da ESAV, funcionários e alunos deveriam conviver de maneira harmoniosa e sob o jugo das normas institucionais, para que a educação cumprisse seus princípios regeneradores e profiláticos; consolidando um cidadão consciente de seu papel na sociedade republicana que se estruturava.

Os *leaders* e os anseios de modificar as condições mentais, morais e econômicas no meio rural

Segundo Zygmunt Bauman, o Estado nasceu como uma força missionária e proselitista, empenhado em submeter as populações dominadas a um exame completo, de maneira a transformá-las numa sociedade ordeira, afinada com os preceitos da razão. Procurava-se deslegitimar a condição selvagem, inculta, da população, ou seja, dismantelar os impedimentos para sua reprodução e auto-equilíbrio.³⁸ Os critérios estabelecidos pelos dirigentes políticos dividiam a população em plantas úteis a serem estimuladas e cuidadosamente cultivadas e ervas daninhas a serem removidas. Instaurar e manter a ordem significava fazer amigos e lutar contra os inimigos; expurgar toda a ambivalência. Extirpar o ambivalente significava segregar

³⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Moderidade e ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 29.

ou deportar os estranhos, sancionar alguns poderes locais e colocar fora da lei aqueles não sancionados; portanto, significava execrar e invalidar o senso comum, considerando-o como meras crenças, superstições ou simples manifestações de ignorância.³⁹ Tornar-se-ia uma das principais atribuições de médicos, biólogos, psicólogos e políticos o controle científico da estirpe humana, tornar a população um todo homogêneo, limpo e ordenado. Para Foucault, a medicina é um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e a população, sobre os organismos e processos biológicos e que tem efeitos disciplinares e regulamentadores.⁴⁰ Os discursos políticos empregados na educação superior na ESAV está embebido nos argumentos morais e políticos de construção de cidadãos fortes e saudáveis para a jovem República brasileira. Nesse sentido, esta cultura política reflete as intensas transformações do início do século XX e as novas demandas da sociedade, que almejava a concretização de uma concepção de trabalho desvinculada do aspecto degradante da escravidão e primava pela difusão de um *modus operandi* na sociedade pautado na razão, através da difusão técnica e científica.

Pedro Paulo de Oliveira observou que o patriotismo e masculinidade, a partir do final do setecentos, passaram a conectar-se em um movimento intelectual que tivera papel essencial na construção do masculino. Os postulados científicos e os aparatos técnicos também foram associados aos foros de masculinidade, opondo qualquer outro elemento desviante do protótipo de mundo masculino da sociedade burguesa. Na construção deste “universo masculino” — homens conscientes de seu papel como cidadão e patriotas — a educação galgaria função primordial.⁴¹ Nos primórdios do século XX, configuraram-se papéis sociais aos homens e mulheres na República que se estruturava: aos primeiros caberia a construção da pátria através de seu trabalho, enquanto elas seriam responsáveis pela formação dos cidadãos e senhoras de seus lares.

³⁹ *Ibidem*, p. 32-33, 52.

⁴⁰ FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Curso Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Eramantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 302.

⁴¹ OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: UFMG/Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004. p. 54-60.

Assim, delimitavam-se os espaços e convivências entre homens e mulheres para uma perfeita harmonia social, o que nos permite evidenciar as relações entre e intra os gêneros.⁴²

⁴² Ver: PAIVA, Adriano Toledo & MACENA, Fabiana F. *C'est Très Chic* os periódicos cariocas e a consolidação da ordem Republicana. *Revista Eletrônica Caderanos de História*. Ano II, n. 1, março de 2007. PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*. Franca, v. 24, n. 1, 2005.

Este estudo enfocando as relações de gênero na educação masculina avalia o espaço ocupado pelos homens na sociedade, que se reconfigurava no alvorecer da República, e nos possibilita compreender as “diferenças” entre estes e as mulheres. Contudo, não podemos conceber a categoria gênero como formação de grupos homogêneos e coesos, tampouco em oposição. Através das práticas disciplinares e da estruturação do estabelecimento de ensino, elucidamos as relações entre o protótipo masculino almejado pela sociedade e a sua disseminação através do ambiente escolar, assim como nas comunidades em que atuavam os *leaders* em assuntos agrícolas. A difusão técnica-científica e disciplinar nas práticas educativas da ESAV estruturavam os discentes em um determinado padrão considerado ideal para o desenvolvimento da pátria. Este dever patriótico, essencialmente vinculado à masculinidade, contribuiria para a formação do aparato de autocontrole destes indivíduos, estruturação de suas redes de interdependências e por muitas vezes, fora determinante de suas experiências históricas. Os técnicos agrícolas deveriam cumprir com os papéis sociais que lhe eram ministrados na sua formação, a fim de assegurar a perfeita harmonia social e a estabilização do regime político há pouco implantado.

⁴³ No Arquivo Histórico da UFV localizamos diversos rascunhos de preleções proferidas na ESAV, nos anos 30 e 40. Nestes papéis não encontramos referências à sua autoria, para descobri-la analisamos a caligrafia de diversos professores da ESAV, e avaliamos que as anotações poderiam ser do Professor Mário das Neves Machado. Confirmamos nossa suposição com a consulta do relatório encaminhado pelo Departamento de Engenharia Rural (ESAV – Caixa 20, documento 3015), no ano de 1932, para a Diretoria, no qual o sobredito professor havia proferido quatro preleções no período; os títulos das conferências arrolados no relato estão contidos na Caixa 35 do Arquivo.

Nos discursos proferidos pelos prelecionadores da Escola, em especial os de Mário das Neves Machado, delineia-se as preceptivas para a configuração de um “bom líder”.⁴³ O professor avalia que para banir o mau humor e todas as suas “maiores contrariedades” é necessário ter o espírito embebido em “resignação e paciência evangélica”. Para o conferencista é necessário extinguir o mau humor, pois este era extremamente contagioso e aconselhava que o aluno tivesse a virtude de “ver tudo cor-de-rosa”. Contudo, o preletor

afirmava que somente os “espíritos privilegiados” em uma “época de agitação esaldante”, poderão desenvolver esta capacidade e “não carregarão nenhuma lembrança e tormento em sua trajetória”. O professor argumentava que um líder não pode agir pelo impulso do pessimismo e no estado de agitação espiritual.⁴⁴ As preceptivas retóricas escolhidas para cunhar e nortear as índoles dos *leaders*, através das palestras docentes, incidiam no valor de uma ação corporativa do líder que objetivasse a harmonia. Estimulava-se à preparação técnica, o estudo da geometria para a resolução de problemas em sua atuação profissional, explanava-se sobre a importância dos pensamentos e o “potencial energético” existente no âmago dos seres, professava-se lições sobre a atuação dos técnicos na comunidade, ensinamentos acerca da importância de um sorriso e medidas para angariar uma boa higiene mental, instruções para se estruturar uma relação harmônica entre o líder e o seu meio de atuação.⁴⁵

Em preleção no primeiro semestre de 1932, o professor discutiu o “Ideal da Escola” e condicionou a concretização das metas da Instituição ao cumprimento do regimento, que “expressava o pensamento do estadista que a idealizou e dos empenhados em sua consolidação”. Portanto, o conferencista argumentava que o “Regulamento corporificava o ideal da Escola”. As preceptivas do estabelecimento de ensino era preparar *leaders* — agricultores, administradores, tecnólogos, agrônomos, veterinários, professores e cientistas — para disseminarem conhecimentos úteis para vida e economia rural, promovendo assistência técnica e administrativa para um aprimoramento da vida no campo, ou seja, “melhorando as suas condições mentais, morais e econômicas”. Conforme professa o corpo técnico-administrativo da ESAV e seu conjunto de normas, o estabelecimento tinha como ponto norteador de suas atividades o intento de “Reformar a Agricultura do Estado, tornando-a mais racional, lucrativa e eficiente”.⁴⁶

⁴⁴ Arquivo e Histórico da UFV. Fundo: ESAV. Caixa: 35, documento 3167.

⁴⁵ Ver preleções no Arquivo Histórico da UFV. Fundo: ESAV. Caixa: 35.

⁴⁶ *Ibidem*, Caixa: 35, documento: 3173.

Em um discurso conferido em 1934, o professor suscitou reflexões sobre a comemoração da Independência política Brasileira problematizando o direito e exercício do voto e a Constituição do Estado. O palestrante apelou aos alunos que atuassem como “paladinos” no empreendimento de conscientização do homem do campo acerca de sua participação e exercício político. Os “defensores estrênuos da pátria” eram conscientizados para impunhar a bandeira da alfabetização e desfraldarem a fâmula da “formação de um eleitor consciente”.⁴⁷ Os conferencistas na tribuna proclamavam que seus tutelados deveriam embeber-se dos prognósticos de que seriam *leaders* da reforma da agricultura nacional, que “aprimoraria o homem rural, o animal doméstico e a semente”. Os líderes dedicavam-se a uma vida prática colaborando nos empreendimentos reformistas, enquanto “condutores de homens e depositários de autoridade”.⁴⁸

⁴⁷ *Ibidem*, Caixa 35, documento 3172.

⁴⁸ *Ibidem*.

Para o preletor, um *leader* ao gerenciar uma comunidade representava e imprimia uma posição de “proeminência no campo das idéias”, impondo-se aos seus administrados “por sua força de vontade e capacidade administrativa”. O líder deveria ter diante de si a alegoria da Justiça, efigie com a espada e a balança empunhada nas mãos, a fim de que não oscile a balança conforme aos interesses das situações que lhe são expostas e extinguir, “cortar reto e firme” quaisquer irregularidades, pois para que Justiça e as virtudes que desta advém impere é necessário por fim às “simpatias individuais”, existentes nas relações privadas e projetar-se para o bem comum da comunidade.⁴⁹

⁴⁹ *Ibidem*.

Na análise das preleções, das Atas da Congregação e inquéritos movidos contra os que infringiam o Regulamento da ESAV, evidenciamos que a função dos professores no cotidiano discente não se relacionava unicamente a uma dimensão social educadora, mas visava formar cidadãos para a ordem republicana. Os discursos proferidos pelos professores nas reuniões e conferências constituíam elementos eficazes de dis-

seminação de um protótipo ideal de aluno e de homem, permitindo aos jovens examinarem e julgarem suas próprias condutas, assim como, absorverem normas e tecnologias de governança da instituição e da sociedade. Em suma, a disciplina e regras normativas empregadas pela ESAV almejavam a configuração de um corpo de “intelectuais orgânicos” — *leaders* — responsáveis pela consolidação da sociedade brasileira enquanto uma nação desenvolvida e com um sistema econômico eficiente e produtivo; portanto, consolidariam e difundiriam o que denominavam de “civilização e progresso no meio rural”.

Referências

Arquivo Histórico da Universidade Federal de Viçosa (UFV). *Catálogo de Formandos da ESAV – 1939*.

Arquivo Histórico da UFV. Fundo: ESAV. Caixa: 35. Documento: 3185.

Arquivo Histórico da UFV. Atas da Congregação. Escola Superior de Agricultura e Veterinária – ESAV. Viçosa, MG. Livro 1, Reunião 63, p. 60.

Atas da Congregação. Escola Superior de Agricultura e Veterinária – ESAV. Arquivo Histórico da UFV. Viçosa, MG. Livro 2, Reunião 89, p.6-6v, 7v.

Atas da Congregação. Escola Superior de Agricultura e Veterinária – ESAV. Arquivo Histórico da UFV. Viçosa, MG. Livro 2, p. 7v -8.

Atas da Congregação. Escola Superior de Agricultura e Veterinária – ESAV. Arquivo Histórico da UFV. Viçosa, MG. Livro 2, Reunião 99, p. 55v, 56, 59. Reunião 100, p. 64v.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

“Os rigores disciplinares na formação de um leader”:
a educação masculina na escola superior de agricultura e veterinária

BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares (Org.). *Relatório de Construção da ESAV (1929)*. Elaborado pelo Engenheiro João Carlos Bello Lisboa. Viçosa: UFV, 2004.

Documentos relativos aos inquéritos no Arquivo Histórico da UFV. Fundo: ESAV, Caixa 20.

Arquivo e Histórico da UFV. Fundo: ESAV. Caixa: 35, documento 3167.

Preleções no Arquivo Histórico da UFV. Fundo: ESAV. Caixa: 35.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 126.

_____. *Em defesa da sociedade*: Curso Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Eramantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 302.

Regimento da Escola Superior de Agricultura e Veterinária depositado no Arquivo e Histórico da UFV – Fundo ESAV.

OLIVEN, Arabela Campos. A Marca de Origem: Comparando *colleges* norte-americanos e faculdades brasileiras. *Revista Cadernos de Pesquisa*, v. 32, n. 125, p. 115-117.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: UFMG/ Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004. p. 54-60.

PAIVA, Adriano Toledo; MACENA, Fabiana F. *C'est Très Chic*: os periódicos cariocas e a consolidação da ordem Republicana. *Revista Eletrônica Cadernos de História*, ano II, n. 1, mar. 2007.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*. Franca, v. 24, n. 1, 2005.

STEPHANOU, Maria. Qualis pater, talis filius? Educação, cognição e saberes médicos nas primeiras décadas do século XX. In: VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho (Org.). *Educação e História da Cultura: Fronteira*. São Paulo: Mackenzie, 2002.